

A inserção da linguagem radiofônica no espaço escolar numa perspectiva contemporânea para a construção de práticas pedagógicas educomunicativas: Resultados de uma Pesquisa-ação

Simone De Bona Porton
Ademilde Silveira Sartori

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de Mestrado intitulada “Prática Educomunicativa no espaço escolar: construindo ecossistemas comunicativos com a linguagem radiofônica” vinculada institucionalmente ao Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. A pesquisa foi realizada com um grupo de 20 alunos (do 2º ao 7º ano) em uma escola municipal situada na cidade de Capivari de Baixo/SC, tendo como objetivo principal desenvolver uma prática pedagógica educomunicativa, cuja proposta consistiu em desenvolver oficinas educomunicativas que se preocupasse primordialmente com a relação de comunicação através da inserção da linguagem radiofônica no espaço escolar estabelecendo elos entre os sujeitos para a criação de ecossistemas comunicativos.

A pesquisa foi realizada em uma escola no Município de Capivari de Baixo/SC, chamada Dom Anselmo Pietrulla, que é a maior Unidade Escolar do Município, atendendo a alunos locais e oriundos de outros bairros vizinhos, cujo perfil sócio-econômico-cultural é bem variado. A escolha se deu por ser uma escola pública que busca sintonizar o processo de ensino-aprendizagem às tendências educacionais dos novos tempos, viabilizando um trabalho interdisciplinar por meio de projetos e programas pertinente, sendo um deles a adesão ao Programa Mais Educação, oferecido pelo Governo Federal.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (2012) da escola, a mesma compreende que a criança apresenta diferenças que devem ser conhecidas, respeitadas e valorizadas, por isso, deve-se garantir a todos o direito à educação, saúde e assistência, para que na escola possa existir o processo de ensino e aprendizagem satisfatório para todos. Sua filosofia é conceber a educação como um processo contínuo de aprendizagem, em que o sujeito interage de forma coletiva na construção de seu próprio conhecimento. A metodologia de trabalho escolar está centrada em pilares que a escola busca cumprir: o pensar, o sentir, o tocar e o fazer de modo crítico, criativo, significativo, solidário e prazeroso para a construção de uma sociedade reflexiva, igualitária e democrática.

Partindo deste cenário, a pesquisa trabalhou com 20 alunos de idades e séries diferentes do Ensino Fundamental I e II que participavam do Programa Mais Educação, fazendo com que o contexto escolar compreendesse a importância e o papel da Educomunicação, despertando para aspectos que visam à comunicação como instrumento para o exercício da cidadania e autonomia, contribuindo para formar alunos críticos e conscientes do mundo onde vivem.

A pesquisa buscou subsídios para desenvolver uma proposta através de oficinas educacionais trabalhando a inserção de uma rádio no espaço escolar, ampliando desta forma a possibilidade do ensinar e do aprender, além de criar oportunidades e mostrar que existem novos caminhos para a aprendizagem e que a tecnologia deve ser utilizada a favor da escolarização, estimulando os discentes a participarem e aprenderem com as novas linguagens, tornando-as parte integrante e coletiva do processo que permite a expressão, a troca por meio dos diferentes saberes.

Segundo Soares (2002), a linguagem radiofônica permite que alunos e professores construam referências através do diálogo, seja sobre a vida escolar, seja sobre a relação da comunidade com a escola ou até mesmo a relação do sujeito com o mundo. Para Soares (2002), a partir da troca de experiências entre os detentores da informação e da tecnologia será possível construir um modelo cidadão de educação e comunicação.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC), a partir do ano de 2009 observou os resultados das práticas educacionais obtidos na pesquisa feita pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo e incorporou a Educomunicação como um dos macrocampos do Programa Mais Educação. A Educomunicação é uma área do conhecimento que busca pensar, refletir, pesquisar, analisar e trabalhar a educação formal, informal e não formal a partir da construção de ecossistemas comunicativos. Mas afinal o que é um ecossistema comunicativo?

De acordo com Soares (1999, p.9) um ecossistema educacional é:

Um conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. Este conjunto de ações voltado para a comunicação pode ser criado pela família, pela comunidade educativa ou até mesmo por uma emissora de rádio, onde os indivíduos atuam, simultaneamente, em distintos ecossistemas comunicacionais, uns exercendo influência sobre os outros.

Diante desta afirmação existe uma grande aproximação nos campos da comunicação e da educação constituindo por sua vez um momento de mudança na reelaboração de modelos e novos caminhos para uma nova prática escolar.

Neste sentido Sartori (2006, p. 1), afirma que:

A aproximação Comunicação-Educação exige um novo pensar que reelabore modelos pedagógicos e novas estratégias de intervenção na sociedade que consigam responder aos processos midiáticos e educacionais contemporâneos.

Esta exigência coloca a escola na situação de produtora de novos padrões culturais que se difunde no processo educativo levando a pensar sua ação como transformadora.

Partindo desta perspectiva a proposta da pesquisa foi desenvolvida dentro das diretrizes do Programa Mais Educação direcionada ao macrocampo da Comunicação e Uso de Mídias (Educomunicação) cujo objetivo deste macrocampo foi priorizar a utilização dos recursos das mídias no desenvolvimento de projetos voltados para a comunicação dentro dos espaços educativos através do jornal escolar, histórias em quadrinhos, fotografia, vídeo e rádio escola sendo este último item o foco principal da pesquisa.

A rádio escola tem o compromisso de desenvolver atividades relacionadas ao processo da educomunicação. Estas atividades estão voltadas para a criação de ecossistemas comunicativos abertos, promovendo de forma criativa o diálogo nos espaços educativos de forma que possibilite condições de acesso ao uso dos diversos recursos midiáticos, ampliando o saber pela cultura digital e suas múltiplas modalidades no processo da comunicação.

Neste estudo optamos pela Pesquisa-Ação (PA) como ferramenta metodológica para transformação, baseando-se nas concepções de Michell Thiollent. Partimos de dois critérios para escolher a metodologia da PA, como ponto norteador da pesquisa. O primeiro critério foi a necessidade de encontrar um procedimento científico como alternativa possível para analisar a construção de ecossistemas comunicativos. A PA foi considerada a mais adequada, porque dá ênfase à ação, à participação e à interação do pesquisador com todos os envolvidos. Segundo, partimos do pressuposto que produzir comunicação de forma coletiva dentro do espaço escolar numa perspectiva educ comunicativa aproxima os sujeitos, desta forma faz-se necessário trabalhar com um grupo reduzido, pois segundo Thiollent (1986, p. 8), a PA é "um instrumento de trabalho e de investigação com grupos, instituições, coletividades de pequeno ou médio porte".

Thiollent (1986), afirma que para resolver problemas coletivos, é preciso desenvolver projetos de ação permeados pela relação dialógica isso sem dúvida repercute no cotidiano escolar.

Thiollent (2002) defende a idéia de que a PA é um tipo de pesquisa que está ligada diretamente a mudança da prática social fazendo com que os sujeitos se envolvam. A pesquisa em questão possui caráter qualitativo e de ação, pois não temos intenção de quantificar dados e sim buscar um maior entendimento de interpretação sobre a inserção da Educomunicação no espaço escolar.

Conforme Thiollent (2002, p. 14) a PA é:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Conforme afirmação acima, todos os sujeitos estão envolvidos na pesquisa, tanto o pesquisador como os pesquisados, em busca de estratégias, ações e respostas para a solução de um problema, o que implica uma mudança no sujeito com relação a sua realidade. A participação dialógica e ação planejada fazem parte da PA, sobretudo no âmbito da educação.

Oficina Educomunicativa: intervenções e estratégias

Definimos o termo oficina como o tempo-espaço reservado para uma vivência coletiva, para a reflexão do pensar e do agir, um lugar de participação que gera aprendizagem e que sistematiza conhecimentos de forma coletiva. Todas as oficinas foram programadas e dirigidas tendo o propósito de fornecer aos participantes conhecimentos sobre os meios de comunicação em específico a linguagem radiofônica, inseridos no ambiente escolar para que os envolvidos fossem capazes de subsidiar e construir ecossistemas comunicativos neste espaço, pois conforme afirma Mário Kaplún (1999, p. 74), “no que diz respeito ao emprego de meios na educação, bem vindo sejam, desde que sejam aplicados crítica e criativamente, a serviço de um projeto pedagógico, ultrapassando a mera racionalidade tecnológica”.

O planejamento das oficinas no primeiro momento priorizou atividades que despertassem nos participantes o interesse pela linguagem radiofônica. As ofi-

cinas tornaram-se um espaço de interação e troca de saberes, onde todos ao mesmo tempo eram os co-autores na produção do conhecimento. Através de dinâmicas aplicadas de forma coletiva as oficinas proporcionaram aos educandos espaço para expor seus pensamentos, possibilitando assim, assimilação de novos conhecimentos, para que todos aprendessem fazendo juntos. As crianças sempre marcaram presença nas oficinas que procuraram estimular o processo cognitivo, a habilidade de comunicação, a curiosidade e a criatividade, a fim de contribuir para a consolidação de um processo educ comunicativo no ambiente escolar.

Pensando a escola como um espaço de comunicação, que possibilita ao aluno a livre expressão de suas opiniões, de seus gostos, suas críticas e suas sugestões, todas as atividades desenvolvidas nas oficinas foram planejadas para serem coletivas. Desta forma, as oficinas oportunizaram uma melhor relação entre o conhecimento e a realidade vivida, promovendo conforme segundo afirma Thiolllet (2002, p.23) “maior interesse dos destinatários que não seriam mais vistos como meros receptores e sim, atores dentro de um processo”.

As oficinas educ comunicativas foram desenvolvidas em duas etapas:

Primeira etapa: Buscaram a reflexão sobre a inserção da rádio na escola e suas contribuições, bem como o conhecimento da história do rádio, os gêneros e seus formatos radiofônicos. Nessa etapa, foram realizados 08 (oito) encontros.

Segunda etapa: Buscaram capacitar os participantes para o uso e manuseio dos equipamentos bem como a preparação para a gravação dos programas. As atividades relacionadas à produção para as gravações dos programas acompanharam a pesquisa até a sua finalização.

Para Freire (1996, p.88), “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”. Neste sentido, as atividades desenvolvidas nas oficinas educ comunicativas buscaram sempre a interação de todos com a aproximação ao diálogo aberto e democrático possibilitando a aprendizagem que em muitos momentos tornou-se lúdica.

Etapa 1 - Aprendendo com as oficinas educ comunicativas

1ª Oficina Educomunicativa: Conhecendo o perfil, os hábitos e as preferências dos alunos em específico ao uso do rádio

Na primeira oficina, a ideia foi despertar nos alunos o sentimento de vontade para construir elos entre a comunicação e a educação, usando a linguagem radiofônica para a construção de ecossistemas comunicativos no espaço escolar.

Para Freire (1987, p. 140) "uma das tarefas da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade". Neste caso a roda de conversa, torna-se uma atividade desafiante na concepção freiriana, fazendo com que o sujeito tenha o direito de usar sua fala expressando suas ideias, emitindo suas opiniões, pronunciando a sua visão de ver o mundo.

Esta oficina iniciou com uma conversação para que todos os participantes se apresentassem dizendo o seu nome e a série em que estudava. Em seguida a pesquisadora fez a sua apresentação e falou sobre, o surgimento do rádio e suas contribuições no meio comunicacional e educacional e como seria o funcionamento da rádio.

Após a conversação, foi feita a aplicação de um questionário contendo 19 (dezenove) perguntas, cuja intenção foi conhecer a relação dos alunos com os meios de comunicação em específico ao uso do rádio e o perfil dos mesmos como ouvintes. Os dados obtidos serviram de guia para o encaminhamento das oficinas subsequentes, bem como um primeiro esboço de como os alunos interagem com a linguagem radiofônica.

2ª e 3ª Oficina Educomunicativa : Aprendendo com a Turma na Mônica

Durante estas duas oficinas, tivemos 100% de presença dos alunos. Na 2ª oficina os alunos assistiram no Laboratório de Informática o vídeo do filme¹: "A Rádio do Chico Bento", uma das únicas produções de Maurício de Souza, lançado

1 O vídeo do filme "A Rádio de Chico Bento" está disponível em: < A Rádio Chico Bento: <http://filmow.com/a-radio-do-chico-bento-t26430/>>. Acesso dia 02 de julho de 2013.

em VHS no ano de 1989, estrelado pela Turma da Mônica, cujos personagens eram representados por atores e não por desenho animado. O nome do filme propositalmente não foi revelado com antecedência para despertar nos alunos a curiosidade. A escolha do filme deu-se com o intuito de verificar as relações dos alunos com as diversas linguagens, principalmente a radiofônica.

O filme tratava-se de um programa de rádio comandado por Chico Bento (locutor) em que a Turma da Mônica era entrevistada. Os personagens contavam histórias, apresentavam números musicais e ao final, encerravam o programa com uma radionovela chamada Chapeuzinho Vermelho.

Cada aluno teve acesso de forma individual a um computador no Laboratório de Informática com fone de ouvido para assistir o filme. Após a explicação todos acessaram o site onde o filme estava disponível. Em relação ao nível de conhecimento sobre informática, ficou confirmado que alguns alunos tinham grande domínio e conheciam as ferramentas básicas, já outros não dominavam os ícones básicos, porque não possuem contato com computadores fora da escola.

Alguns alunos mesmo estando no terceiro ano ainda não estavam alfabetizados, e por isso, não conseguiram no primeiro momento acessar o site, porém não estar alfabetizado não impossibilita o sujeito interagir e fazer uso do computador.

Tem-se a ideia de forma convencional de que é preciso saber ler e escrever para usar o equipamento. Aqui segue um questionamento: É necessário estar realmente alfabetizado para usar o computador?

Segundo Magda Soares (2004, p.24),

Um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usan-

do vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Segundo a autora, mesmo que este aluno não saiba ler e nem escrever ele está sempre em contato com as práticas sociais da leitura e da escrita, portanto é um sujeito letrado e capaz de desenvolver a atividade proposta, neste caso a mediação deverá ser de forma individual para que o mesmo possa acompanhar o processo.

Para Freire, o letramento começa bem antes da alfabetização, inicia-se a partir do momento que uma pessoa passa a interagir socialmente com as práticas no seu mundo social.

Freire (1989, p.11) explica que:

(...) A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Enquanto a atividade era mediada, a maioria das crianças mostravam interação com os recursos tecnológicos e audiovisuais, o conhecimento adquirido transformou-se em ação em forma de ajuda coletiva para proporcionar novas aprendizagens ao grupo.

No momento em que os alunos assistiam ao filme, foi possível perceber que já dominavam alguns termos técnicos, tais como: estúdio, locutor, sonoplasta, mesa de som entre outros.

Após as crianças assistirem ao filme, foi feita uma roda de conversa que serviu de ponto de partida para a interpretação do filme, momento em que o diálogo foi chave principal.

Na terceira oficina, após analisar as repostas dos alunos, foi possível perceber várias situações relevantes, entre elas destacamos repostas emitidas pelas

crianças como o uso das palavras: *o rádio e a rádio*. Para elas as palavras possuíam o mesmo significado. Sendo assim foi necessário criar um novo diálogo para que formulassem o conceito e percebessem a diferença entre ambas, bem como o uso destas palavras em diferentes contextos.

Sendo a palavra essencialmente dialogia, começamos a construir a partir deste momento, uma educação que gerou discurso caracterizado pela comunicação, onde os alunos passaram de receptores a produtores do conhecimento, ou seja, juntos construíram o conceito e passaram a diferenciar os termos.

Afirma Freire (2001b), que o conhecimento tem uma relação de autêntico diálogo entre os sujeitos, sejam eles educadores ou educandos, ambos encontram-se mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Desta forma a comunicação para ser eficaz deve ser dialógica e reflexiva promovendo a participação entre o emissor e o receptor proporcionando a troca de saberes.

Para Freire (2001b, p.59), “aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.”

Portanto é preciso desenvolver a capacidade de não apenas saber decodificar as letras, sílabas ou frases mais entender seus significados e como usá-los.

As crianças concluíram que mudando o artigo (o ou a) usado na frente da palavra (*o rádio, a rádio*) a palavra muda também seu significado. Depois de muita discussão a resposta que mais se aproximou do significado correto foi: “O rádio é o radinho normal e a rádio é que transmite os sons” (Aluno de 11 anos). Para o autor da resposta, o “radinho normal” significa o aparelho, sendo assim o rádio é o aparelho (recurso tecnológico) utilizado para captar os sons enquanto que a rádio (emissora) é o espaço (estação) onde se produz e se grava os programas para serem captados pelo aparelho rádio.

Uma vez elaborado o conceito de forma coletiva, estabeleceu-se aqui a ampliação das possibilidades de ensino e aprendizagem visando permitir que a troca de conhecimentos seja realizada de forma diferente, neste caso ultrapassando o espaço físico das paredes da sala de aula, as fronteiras entre disciplinas e a divisão estática do tempo (horário) para aprender.

4ª Oficina Educomunicativa: Brincando e aprendendo no estúdio da rádio

Durante a aplicação do questionário para verificar o perfil dos alunos em relação à linguagem radiofônica, ficou comprovado que a maioria dos alunos não conhecia um estúdio de uma rádio. Portanto esta oficina surgiu partindo desta necessidade.

Chegou o grande momento em que os alunos foram conhecer o estúdio interno da Rádio Pietrulla. Todos ficaram encantados. No início mexiam em tudo. Os olhares eram direcionados aos equipamentos. Mesmo o computador estando desligado, os alunos digitavam no teclado. Todos estavam impressionados com o estúdio, a alegria era visível nos olhares e nos sorrisos. A curiosidade fez com que eles falassem ao mesmo tempo, fazendo vários questionamentos.

Estando todos os equipamentos desligados, a curiosidade e a vontade de aprender coisas novas, fizeram com que alguns alunos usassem o microfone fazendo de conta que eram locutores.

O brincar de faz de conta desenvolve a imaginação e a criatividade fazendo com que a criança vivencie uma experiência momentânea prazerosa e saudável. Neste faz de conta, a criança, através de suas falas e ações, constrói-se como sujeito, demonstrando sua cidadania e a interação com a linguagem radiofônica.

Este momento de visitação no estúdio da rádio gerou expectativa nos alunos que, somada   ansiedade em falar na rádio, comprova a afirma o de Sartori (2010, p.47):

Proporcionar e potencializar ecossistemas comunicativos   criar condi es para que os educandos digam a sua própria palavra, pronunciando o mundo de modo significativo, participativo e transformador, como cidadãos.

Trabalhar a linguagem radiofônica   oportunizar condi es no ambiente escolar que envolve as crianças na constru o de um espaço de diálogo e   medida que os mesmos v o entendendo o processo de comunica o desenvolvem a oralidade e também ampliam sua visão de mundo.

Analisando as falas das crianças neste terceiro diálogo, percebe-se que as mesmas não fazem uso da palavra o rádio. Os alunos passaram a fazer uso da palavra a rádio em todas as frases, isso mostra que o conceito da diferença entre ambas trabalhando na oficina anterior foi assimilado e passou a ser usado conforme o contexto.

Para Soares (2011), embora o rádio esteja fora de moda diante das novas tecnologias digitais inseridas no espaço escolar, mesmo assim ele tem se mostrado um recurso privilegiado no processo de aprendizagem.

Ainda nesta oficina os alunos conheceram e assistiram vídeos tutoriais dos programas instalados nos computadores do estúdio da Rádio Pietrulla que foi o Audacity e o ZaraRadio.

Durante a apresentação dos vídeos os alunos mostraram-se interessados pelos conteúdos dos programas e faziam planos sobre como usar a rádio na hora do intervalo com produção de reportagens, notícias e produções musicais.

Compreendemos que apenas assistindo os dois vídeos das aulas tutoriais dos programas ZaraRadio e Audacity disponibilizados nos computadores no laboratório não eram suficientes para os alunos assimilarem todos os recursos e funções para o uso das ferramentas que ambos fornecem. As oficinas práticas contribuíram para ampliar o conhecimento e domínio dos programas, trabalhando as funções básicas com: barra de controle, gravar, parar, reproduzir, salvar, editar, acrescentar música de fundo, e montar programações. Estas ações foram suficientes para que os alunos pudessem trabalhar de forma autônoma na produção e gravação dos programas. Autonomia esta, que foi sendo conquistada, e construída a partir das decisões, das vivências dos alunos nas oficinas tanto teórica quanto práticas.

5ª Oficina Educomunicativa - Gêneros educativos radiofônicos

Partindo do interesse dos alunos em começar elaborar os programas da rádio, esta oficina abordou os gêneros radiofônicos e seus formatos com intuito de preparar as equipes para montagem dos programas que foram ao ar. É importante frisar que o gênero radiofônico varia de autor para autor quanto à sua classificação, pois depende da perspectiva ou do referencial adotado por cada um. Precisamos no primeiro momento definir o que é gênero e formato e, para

facilitar a compreensão destes conceitos e sobre como utilizá-los, buscamos apoio nos escritos de Vigil.

Afirma Vigil (2003, p.97) que a palavra gênero “tem raiz grega que significa geração, origem”, espécie que em tese são as características gerais do programa, ou seja, aquilo que o programa é. Já a palavra formato “vem do vocabulário latino forma” é a estrutura do programa na qual os conteúdos são encaixados, ou seja, a forma como o gênero é apresentado. Ainda segundo o autor (2003, p.98) “os gêneros são os modelos abstratos. E os formatos, são os moldes concretos de realização. Na realidade quase todos os formatos poderiam servir para quase todos os gêneros.

Para Vigil (2003), os programas transmitidos devem ser organizados dentro de três categorias que definem os gêneros da radiofonia. A primeira categoria deve estar de acordo com o modo de produção da mensagem, sendo que neste caso há os seguintes gêneros: dramático, jornalístico e musical. A segunda categoria deve estar de acordo com a intenção do emissor, desta forma incluem-se os gêneros informativo, educativo, de entretenimento, participativo, cultural, religioso, de mobilização social e publicitária; e, na última categoria, o autor ressalta que deve estar de acordo com a segmentação dos destinatários, sendo assim inclui os gêneros; infantil, juvenil, feminino, de terceira idade e sindical.

Após a conversação sobre os gêneros da radiofonia e seus formatos, o grupo foi dividido em equipes conforme a área de interesse de cada aluno, sendo objetivo desta atividade a criação do nome de um programa que abordasse um dos gêneros estudados.

Todas as equipes contribuíram com várias sugestões para os nomes dos programas. A equipe A optou pelo gênero informativo educativo e criou o programa chamado Planeta Sonho, cujo objetivo principal era falar sobre a preservação do meio ambiente e do espaço escolar. É muito importante a articulação de notícias e ações educativas voltadas à questão ambiental no espaço escolar, desta forma o programa visou buscar pela conscientização dos alunos em relação à preservação dos espaços onde vivem, bem como estabelecer um equilíbrio entre cada um e a natureza para a construção de um mundo melhor.

A equipe B optou por divulgar os acontecimentos relacionados às datas comemorativas, festas, eventos, cinema, exposições, teatro, lançamentos de filmes, livros e outros assuntos. O programa foi batizado com o nome de Variedades, sendo concebido como dos gêneros cultural e entretenimento.

Já a equipe C criou o programa Hora da Balada, voltado também para o gênero musical, o ouvinte ficava informado sobre os vários estilos musicais, bem como as novidades referentes à vida dos cantores, novos grupos e bandas.

Buscando referência novamente em Vigil (2003), este programa voltado para o gênero musical foi dividido em subgêneros, ou seja, foram apresentados diversos estilos de músicas entre elas: clássica, popular, moderna, dançante, folclórica, instrumental, infantil e religiosa.

O programa Fala Escola foi elaborado pela equipe D, sendo este um espaço destinado à divulgação das atividades que aconteciam no espaço escolar. O programa teve gênero informativo educativo, atualizando por meio da divulgação de notícias, entrevistas, reportagens, além de comentar e debater os acontecimentos da comunidade escolar.

O grupo E optou em montar um programa direcionado a questão do esporte e saúde.

A criação do último programa deu-se pela equipe F que optou também pelo gênero educativo no sentido de divulgar poemas, poesias, versos e histórias produzidas pelos próprios alunos, o programa foi chamado de Prosa e Poesia.

Após a criação dos programas pelos alunos e seguindo a classificação proposta por Vigil, a programação da Rádio Pietrulla em relação ao modo de produção das mensagens, esteve voltada para os gêneros jornalístico e musical.

6ª Oficina Educomunicativa - Criando uma logomarca

Os alunos sugeriram que fosse feito um desenho para representar a Rádio Pietrulla, então surgiu a ideia de criar um concurso da logomarca envolvendo toda a escola. Esta etapa contou com a participação dos professores em sala de aula, mas principalmente dos professores da disciplina de Arte.

Foi elaborado um edital estabelecendo o regulamento para participação do concurso. Sendo sugestão dos alunos, que o prêmio para o autor vencedor da logomarca fosse 01 (um) aparelho de rádio com fone de ouvido sem fio.

A fim de viabilizar a ideia e despertar a motivação dos participantes, os alunos envolvidos na pesquisa fizeram confecção de cartazes para a divulgação do concurso que foram fixados nos murais da escola bem como o edital. Em poucos dias, recebemos uma grande quantidade de desenhos.

A Comissão Julgadora foi composta pela Direção da Escola, 02 (dois) docentes com formação na área de Arte, 01 (um) representante Técnico-Administrativo, a Coordenadora do Programa Mais Educação e a Pesquisadora.

A Solenidade para a entrega do prêmio ao vencedor do concurso (aluna do 6º ano) contou com a participação da Direção da Escola, os pais e com alguns os professores. No dia premiação, o pai e a aluna vencedora assinaram o Termo de Cessão de Direitos Autorais, onde o pai sendo o responsável juntamente com a autora, cede os direitos patrimoniais sobre a obra com fundamento para ser utilizada em eventos, cartazes, campanhas, em portfólios, em websites ou homepages na Internet, publicações impressas, estampas, outdoors e outros, sendo que esse uso não tem finalidade comercial financeira.

7ª Oficina Educomunicativa - Produzindo notícias, divulgando informações

A partir desta oficina, começamos de forma coletiva a produção dos roteiros para as gravações dos diversos programas da Rádio Pietrulla. Nesta etapa, os alunos foram divididos em pequenos grupos. Cada grupo saiu pelo espaço escolar à procura de notícias de acordo com o gênero radiofônico que cada equipe já havia escolhido. Após recolherem as notícias por escrito, as mesmas foram coladas em papel pardo e expostas para todos os grupos, sendo que um membro fazia a leitura e os demais identificavam o gênero.

Num segundo momento cada grupo com posse de sua notícia procurou responder às cinco perguntas fundamentais que compõe o lead e que ajudam a apurar os fatos.

Segundo Vigil (2003, p.200) o lead “trata-se do primeiro parágrafo da nota, o parágrafo líder, onde devem ficar respondidas as igualmente famosas cinco

perguntas (O quê? Quem? Quando? Onde? e Por que?)”. As respostas a estes questionamentos podem muitas vezes estar no presente ou no passado (breve de preferência). A pergunta *o quê* está relacionada aos fatos, aos acontecimentos, o que acontece ou aconteceu. *Quem?* Serve para identificar e localizar os atores das notícias. A pergunta *quando* está relativamente direcionada para a questão tempo (dia, hora, ano), assim como a pergunta *onde* nos lembra do espaço (localidade, rua, avenida), ou seja, onde acontece ou acontecerá o fato, o evento. E por último a pergunta *por quê*, nos oferece razões para explicar os fatos, ou seja, segundo afirma Vigil (2003, p.187) é a “caixa preta dos acontecimentos naturais ou das ações humanas”. O autor afirma que não é necessário seguir a ordem das perguntas, pois nem sempre é possível encontrar respostas para todas.

Com base ainda nos escritos de Vigil, foi elaborado um quadro com o objetivo de facilitar a construção do lead pelos alunos.

Durante a realização da atividade para a elaboração do lead pudemos compartilhar novos conhecimentos junto aos grupos. A atividade exigiu um grande empenho de todos, desde a pesquisa das matérias até a montagem final do roteiro. O interesse e o processo de comunicação inter-grupal se fez presente em todos os momentos, favorecendo a troca de experiências e novos diálogos. Neste sentido, afirma Freire (1987, p. 83), que a troca de experiências é uma condição imprescindível para aquisição do conhecimento dentro de uma prática que “somente o diálogo, que implica em um pensar crítico, é capaz também de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há a verdadeira educação”. Como vemos a prática educacional possibilita o diálogo, portanto é à base da comunicação.

8ª Oficina Educomunicativa - Conectando as notícias

Nesta oficina, os alunos sugeriram que fosse criado um blog ou um site para a rádio Pietrulla. Sabemos que a conectividade faz parte da rotina dos alunos, entre eles crianças, adolescentes e jovens. Cada vez mais os alunos estão conectados com a vida digital, para não ficar distante deste universo, o pedido dos alunos passou a ser analisado e obteve resposta positiva.

Fizemos uma roda de conversação, dialogando a respeito do uso das redes sociais, alertando os alunos para os pontos considerados positivos e também os negativos. O objetivo da conversação seguiu os princípios de Paulo Freire, o autor afirma que a educação tem função libertadora, faz abrir a mente, conscientiza e faz com que as pessoas reflitam sobre suas próprias ações construindo suas próprias histórias e assumindo seu papel de protagonistas no meio social. À medida que a tecnologia se torna cada vez mais presente em nossas vidas, os alunos se tornam cidadãos digitais e precisam de orientações de como trabalhar e usar os dispositivos midiáticos. Os meios tecnológicos hoje representam para a escola um desafio cultural. A escola deve contribuir neste aspecto orientando o comportamento on-line dos alunos. O uso destes dispositivos é um dos caminhos que promove mudança de atitudes, desde que o aprendizado aconteça de maneira compartilhada, autônoma e democrática.

Nesta direção, Martín-Barbero (1996, p.19) nos lembra que:

Os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola em primeiro lugar isto: um desafio cultural, que toma visível a distância cada dia maior entre a cultura ensinada pelos professores e aquela outra aprendida pelos alunos. Pois os meios não só descentram as formas de transmissão e circulação do saber como também constituem um decisivo âmbito de socialização através dos mecanismos de identificação/projeção de estilos de vida, comportamentos, padrões de gosto. É apenas a partir da compreensão da tecnicidade mediática como dimensão estratégica da cultura que a escola pode inserir-se nos processos de mudanças que atravessam a nossa sociedade.

A intenção da Rádio Pietrulla em criar blog foi de compartilhar as experiências vivenciadas e produzidas pelos alunos com os pais, com a comunidade escolar, com o entorno. Neste sentido, buscamos trabalhar com os alunos de forma coletiva a construção de um blog para a rádio bem como a elaboração dos conteúdos publicados.

O blog foi o laboratório educ comunicativo, ou seja, o espaço para o registro e o armazenamento das atividades realizadas nas oficinas educ comunicativas.

Utilizamos um blog gratuito oferecido pela webnode, de fácil acesso e manuseio, possibilitando a inserção de imagens, vídeos, áudio, hipertextos e outros, sendo uma excelente ferramenta para praticar a educ comunicação.

Neste espaço os alunos, através da mediação da pesquisadora, compartilharam produções que foram construídas durante o percurso da pesquisa, foi um ambiente dedicado à informação, comunicação sobre a realidade, estimulando o diálogo dos saberes no espaço escolar e colocando os alunos em contato com as tecnologias da informação.

As produções realizadas nas oficinas sempre foram centradas nas ações mediadoras organizadas, valorizando os saberes constituídos pelos alunos, que segundo Baccega (2000, p.10):

(...) a mediação que se dá no âmbito da produção, a mediação que manifesta o modo pelo qual se organiza essa produção, seja o programa de rádio ou de televisão, seja a notícia, seja a publicidade. Trata-se da mediação organizativa, que leva em consideração seu público receptor, procurando selecionar o que há de mais conveniente tanto aos interesses da empresa a que pertence aquela mídia quanto ao perfil médio do público (...).

O blog serviu como diário virtual interdisciplinar, uma ferramenta importante que registrou as ações realizadas e possibilitou a comunicação entre a comunidade escolar.

Durante a construção do blog cujo endereço eletrônico é radiopietrulla.webnode.com, os alunos apresentaram várias sugestões e fizeram muitos questionamentos que foram sendo respondidos através da mediação e também pelos próprios alunos à medida que construíamos o perfil da Rádio Pietrulla. Segundo Baccega (2003, p.18) “Não existe conhecimento sem mediação”. Aos poucos as matérias/conteúdos foram sendo postados e a página do blog foi tomando forma.

Foi impressionante o empenho dos alunos em relação à busca pelos acontecimentos no espaço escolar para serem publicados. As notícias foram separadas pelos alunos, conforme sua necessidade de divulgação, isso permitiu o exercício do diálogo entre os grupos, possibilitando reflexão a respeito dos textos que foram postados além de compartilharem conhecimentos.

A divulgação das notícias abriu novos canais de comunicação entre alunos e professores, alunos e comunidade e alunos e o mundo. Além da criação do blog para a Rádio Pietrulla, os alunos também criaram um e-mail, cujo endereço eletrônico foi radiopietrulla@gmail.com. Através do e-mail os alunos enviavam notícias e solicitavam músicas de sua preferência para ser inserida nas programações. Além da divulgação das notícias pelo site, muitas delas foram impressas e colocadas nos murais da escola, facilitando e ampliando assim a comunicação no ambiente escolar, favorecendo a construção de um ecossistema comunicativo para além daquele criado em torno da Rádio Pietrulla.

Etapas 2 - Aprendendo com as oficinas educacionais

As oficinas nesta segunda etapa tiveram como objetivo capacitar os participantes para o uso e manuseio dos equipamentos, bem como a preparação para a gravação dos programas. As oficinas não se resumiam em inserir simplesmente a comunicação no espaço escolar através do rádio, mas sim proporcionar e criar espaços comunicativos abertos para que o aluno se tornasse autor das informações, dialogando com a escola em um todo e construindo sua autonomia.

Criar espaços comunicativos na escola é organizar o meio educacional para informar, discutir e dialogar com toda comunidade, utilizando-se de recursos tecnológicos juntamente com ações educativas para potencializar a relação comunicacional.

Através do uso destes recursos criam-se espaços abertos que propiciam à interação, à democracia, à autonomia de forma participativa, fazendo com que o diálogo deixe de ser centralizado, conforme afirma Sartori e Soares (2005, p.05), “(...) ecossistema comunicativo implica buscar a descentralização de vozes, a dialogicidade, a interação”.

É buscando a dialogicidade, a criticidade e a interação nestes espaços que se dá a construção de ecossistemas comunicativos, que é entendido por Soares (2002, p.125) como “organização do ambiente, a disponibilidade de recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto de ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional”.

O veículo rádio é um recurso que oportuniza criar espaços ecossistêmicos veiculando a produção comunicacional local da escola e preparando os alunos para uma leitura crítica dos conteúdos que são disseminados tanto no ambiente escolar quanto pelas mídias.

Neste sentindo as oficinas caminharam no processo de aprender de forma dialógica, pois ensinar pressupõe uma relação de diálogo entre os envolvidos. “Ensinar inexistente sem aprender e foi aprendendo socialmente que, historicamente, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar” (FREIRE, 1996, p. 26). Ao mesmo tempo em que se ensina também se aprende e vice-versa, é nesta relação que se estrutura Educomunicação, em que cada um compreende seu papel como sujeito transformador, pois o mundo que o aluno traz para dentro do ambiente escolar precisa ser o ponto de partida para iniciar a construção de novos saberes.

Desde os primeiros encontros para a elaboração e montagem dos leads, os participantes revelaram sua motivação em fazer programas cujos temas eram pertinentes ao seu cotidiano, aos seus anseios e também correspondentes às suas expectativas. Os temas abordados durante o período das oficinas foram bem diversificados, porém nos primeiros programas que foram ao ar, os alunos demonstraram maior interesse na questão relacionada ou cuidado com a escola e o meio ambiente. Buscamos sempre uma inter-relação entre o que é visto na sala de aula e o que acontecia no espaço escolar pela necessidade de ampliar o diálogo.

Durante a gravação dos programas pilotos, foi possível verificar ao chegarmos ao estúdio, a ansiedade e a curiosidade dos alunos que iriam gravar pela primeira vez. Era uma mistura de euforia, de alegria, de liberdade e também de vergonha e timidez.

Dos 11 (onze) alunos que compunha o grupo do período matutino, inicialmente só um aluno se prontificou a iniciar a gravação. Os demais ficaram apenas na expectativa e na observação. Foi uma festa no estúdio, muitos risos, afirmações e vários questionamentos.

Analisando as falas dos alunos foi possível verificar que alguns tinham vergonha de gravar perto dos colegas, tinham medo de errar durante a leitura dos textos. Neste primeiro momento, mostraram-se muito inseguros no sentido de realizar as gravações, foi notório também que a grande maioria não teve preocupação em manusear os equipamentos, para eles esta tarefa era fácil, pois já tinham adquirido conhecimentos que permitiam operar os programas de gravação, edição e reprodução de áudio.

Falar na rádio é algo bem simples, só precisamos saber o que queremos divulgar para os ouvintes, montar um roteiro com frases curtas e sem gírias, usar uma linguagem acessível e fácil de entendimento, e agir como se estivéssemos falando com nossos familiares e amigos. Desta forma, as crianças começaram achar interessante e iniciaram a produção. Aos poucos as dificuldades apresentadas foram sendo superadas e os alunos foram mostrando sua autonomia na elaboração dos noticiários como também nos momentos de gravações no estúdio.

Na primeira gravação o texto foi elaborado e redigido pela equipe responsável pelo programa Planeta Sonho. Segundo afirma Soares (2000), usando a textualidade e a oralidade através de um dispositivo tecnológico como ferramenta de integração reforça-se a perspectiva da Educomunicação, a interface entre a comunicação e educação favorece a produção e transmissão de conteúdos educativos auxiliando no processo de aprendizagem no ambiente escolar.

É importante ressaltar que os alunos optaram para exercer funções diferentes no estúdio. Durante as oficinas educacionais desempenharam papéis como o de produtores, de apresentadores ou de locutores e também o de repórter. Após a gravação dos programas pilotos, todos os participantes ouviram o áudio e ficaram surpresos com a voz gravada. Esta situação de alegria vivenciada pelos alunos, juntamente com a sensação de surpresa ao ouvirem a

própria voz, explica-se pelo fato de que nenhum deles tinha escutado anteriormente sua voz gravada.

Fazer gravações para a rádio é trabalhar com som, é trabalhar com a comunicação verbalizada. A rádio trabalha diretamente a percepção sonora e o imaginário visual dos ouvintes conforme afirma Assumpção (1999, p.15):

O rádio já é uma escola. Ele tem o dom de transformar a vida em sonoridade, penetrando não apenas no pensamento do ouvinte, mas naquilo que ele tem de sensibilidade. Decodificando as mensagens radiofônicas o ouvinte elabora ideias, cria imagens, produz fantasias, enriquece o espírito, modifica ou consolida comportamentos.

O rádio é uma mídia que desperta a imaginação e a emoção dos ouvintes, desta forma a escola é o espaço de mediação entre as novas linguagens segundo afirma Citelli (2000, p.81):

A escola está sendo pensada, assim, como espaço meditativo cada vez mais cruzado pelas novas linguagens e pelas transformações científicas, tecnológicas, culturais e de comportamento que marcam o mundo contemporâneo.

As oficinas subsequentes seguiram com novas gravações, onde os alunos fizeram a edição de áudio digital e a reprodução no software ZaraRadio para execução dos programas em fase experimental.

Este estudo evidenciou que quando o aluno encontra sentido no que realiza, a aprendizagem acontece simultaneamente e de maneira prazerosa, portanto é possível ensinar e aprender de forma contextualizada usando diversos dispositivos tecnológicos.

As oficinas educacionais mostraram que a rádio proporcionou um espaço para a comunicação autônoma e contribuiu para um diálogo aberto onde aos alunos deixaram de ser receptores e passaram a ser agente do conhecimento. Outro destaque foi em relação à questão da leitura, no início alguns alunos mostraram muitas dificuldades para ler os roteiros dos programas. Durante a caminhada e as muitas produções das gravações notou-se um grande

avanço destes alunos, aos poucos a leitura foi melhorando e a comunicação foi acontecendo.

Segundo Bordenave, (2005, p. 36),

Comunicação serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia. Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas.

A comunicação no ambiente escolar quando feita através de uma rádio é uma forma de interação para a coletividade, proporcionando um espaço aberto para a construção de ecossistemas comunicacionais, sendo que o conhecimento passa a ser compartilhado e difundido para todos por um campo de mediação chamado Educomunicação.

Referências

- ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. *Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau*. São Paulo: Annablume, 1999.
- BACCEGA, Maria. Aparecida. Mediação Organização: o Campo da produção. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 17, p.7-16, jan/abr. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/36892/39614>>. Acesso em: 25 ago. 2013.
- BACCEGA, Maria. Aparecida. *Televisão e escola: uma mediação possível?* São Paulo: SENAC São Paulo, 2003.
- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. IN: MEDITSCH, Eduardo (org.). *Teorias do rádio: textos e contextos*, volume I. Florianópolis: Insular, 2005.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- CITELLI, Adilson Odair. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- _____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados, 1989.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.
- _____. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001b.
- KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, p. 68-75, jan./abr. 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Heredando el futuro: ensar la educación desde lá comunicaci3n. *Revista N3madass*, n.5, Bogotá, setembro, 1996.
- SARTORI, A. S.; SOARES, M. S. P. Concepção dial3gica e as NTICs: a educomunica3o e os ecossistemas comunicativos. In: COL3QUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 2005, *Anais...* Recife. Paulo Freire: desafios à sociedade multicultural. Recife, 2005. p. 147-148.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Comunica3o/Educa3o: a emerg3ncia de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *Revista Brasileira de Comunica3o, Educa3o e Arte*, Bras3lia, v. 1, n. 2, p. 05-75, jan./mar. 1999.

_____. *Educomunicação: o conceito, o profissional e a aplicação*. Contribuições para o ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Educomunicação).

_____. *Rádio diminui violência nas escolas*. 2006. Disponível em: <http://www.piratininga.org.br/novapagina/leitura.asp?id_noticia=468&topico=Entrevistas>. Acesso em: 05 abr. 2013.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, ano 7, n. 19, p.12-24, set./dez. 2000.

_____. *Metodologias da Educação para comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina*. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2001.

_____. *Ecossistemas comunicativos*. São Paulo: USP, 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2013.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

THIOLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. *Metodologia da pesquisa-ação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VIGIL, Jose Ignacio Lopes. *Manual urgente para radialistas apaixonados*. São Paulo: Paulinas, 2003.

Sobre os autores

Simone De Bona Porton
simoneporton@gmail.com

Ademilde Silveira Sartori
ademildesartori@gmail.com
Universidade do Estado de Santa Catarina